

SILVIA CRISTINA SALOMÃO

EMEI “ Roberto Telles Sampaio” Campinas-SP e Programa de Mestrado –  
Educação: Ensino superior, formação docente e avaliação PUC- CAMPINAS- SP

## **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NAS PISTAS DO IMAGINÁRIO INFANTIL: O QUE AS CRIANÇAS TÊM A NOS DIZER?**

Trabalhar com crianças pequenas, de 3 a 6 anos, no espaço educativo público e infantil, requer deparar-se a todo momento, no cotidiano desse espaço, com novos olhares docentes, dimensionando as constantes perseguições e traduções do imaginário infantil: seus desejos, interesses, elaborações próprias, fantasias, experimentações e seus tateios no mundo.

A professora desequilibra-se a partir da escuta constante, em perceber formas tão peculiares de apreender o mundo já pronto. Mundo este, concebido por aqueles que já foram crianças e que tudo indica-nos, esqueceram-se desse período já vivido, cedendo lugar aos fazeres e saberes de *gente grande*, absorvido pela velocidade e tirania da demanda capitalista, num mundo globalizado.

Diante das possibilidades de constantes interações entre o professor e crianças, crianças-crianças, circunscritos no espaço educativo, qual seria a função desse lugar? Quais práticas pedagógicas convergentes com a escuta das vozes infantis, não tolhendo ou excluindo tamanha riqueza desse universo peculiar? Estaria este espaço, considerando de fato essas vozes e suas sinalizações de um universo e suas culturas infantis, que nós adultos já fizemos parte? Quais as contribuições possíveis, que o espaço “aberto” às culturas infantis podem gerar às práticas pedagógicas e conseqüentemente, à formação docente?

A sociedade burguesa, instrumentalizando a cultura, destacando o seu caráter produtivo e sua manifestação enquanto produto apenas, desvaloriza, ou até mesmo deixa de considerar a criança enquanto tal, por não reconhecê-la como produtora de cultura. Na nossa sociedade, e particularmente nas grandes cidades, ainda que por razões bem diferentes, as crianças não têm tempo e espaço para a vivência da infância, como produtora de uma ‘cultura infantil’, e isso independentemente de sexo, ou das classes sociais. (MARCELLINO, 1990: 55)

Compreender o que as crianças têm a nos dizer sobre o que querem, fazem, observam, exploram e elaboram sobre esse mundo, requer persistência, sensibilidade e investigação por parte do professor e estabelecimento constante de “abertura”, para que meninos e meninas tenham voz no espaço educativo, gerando “matéria prima” constante à reflexão docente, a partir de suas propostas e pistas multifacetadas, à prática pedagógica e construção de novos conhecimentos com a turma. Entendo não ser possível exercer a docência com crianças pequenas sem a recolha de suas vozes, na busca constante de sentidos, seja dos pequenos ou da professora pesquisadora. Concordo com Demartini, quanto à importância em ouvirmos as falas infantis:

.... não estamos conseguindo dialogar com crianças e jovens – até que pontos estamos *escutando* sua vozes, muitas vezes caladas? Considero necessário não apenas conhecê-los enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas... escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira nos coloca. (2005: 2)

Para tal, adoto a prática constante do registro das falas infantis em nossas rodas de conversa, no Livro da Vida – ferramenta de registro desenvolvida com as crianças da Pedagogia Freinet.

Conceber, como professora - pesquisadora novas ações, a partir dos olhares e falas infantis, é redimensionar sua própria prática, potencializando novas formas de conduções ao conhecimento *com eles*, e não *para- sobre eles*.

Quinteiro, diz respeito às pesquisas *com*, e não apenas *sobre*, crianças pequenas no campo da sociologia e antropologia, destacando a escassez de bibliografias que considerem a criança como protagonista de sua história, produtora e consumidora de cultura, portanto uma voz “confiável”, a quem devemos plena escuta.

Entretanto, pouco se conhece sobre as *culturas infantis* porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a ‘fala’ apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores. Estes parecem ficar prisioneiros de seus próprios referenciais de análise....Há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte confiável e respeitável. (2005: 21)

Durante o processo pedagógico e investigativo, busco pela escuta e captura das falas infantis, que se fazem no Livro da Vida<sup>1</sup> e caderno de campo, podendo assim, registrar os olhares das crianças e suas inúmeras pistas e soluções aos conflitos e conhecimentos que construímos com o grupo.

Adotei tais materiais como instrumento metodológico, para análise de trechos de nossas conversas e possibilidade de (re) condução das ações docentes. Portanto, da formação docente.

A fundamentação teórica na Sociologia da Infância é o fio condutor nas análises e compreensões das vozes infantis impressas no Livro da Vida. Busca-se ultrapassar as possíveis fronteiras da Psicologia do desenvolvimento, a fim de alargar o conceito de criança no sentido coletivo, como grupo social específico e (re)produtora de (suas) culturas. Bem como, a reflexão e contribuição á cultura da infância.

---

<sup>1</sup> Livro da Vida, é uma das estratégias da Pedagogia Freinet (1896 - 1966). No início do século passado, o pedagogo francês já defendia a utilização do registro com a criança, enaltecendo os fatos, descobertas do dia e sua livre expressão. Com crianças pequenas, o professor é o escriba do grupo, juntamente com elas, que registram através de escritas espontâneas e desenhos. é um grande caderno da turma, onde registramos nossas descobertas e impressões de si e do mundo, a partir de tantas vozes que se manifestam, de forma espontânea ou dirigida, e que tecem nosso cotidiano. A professora é a escriba da turma. Mas não faz a tarefa sozinha, todos são participantes do ato de registro de nossas histórias, através de desenhos, escritas espontâneas, colagens, entre outras linguagens. O Livro é de responsabilidade de todos, e só se finaliza no final do ano. Fica como patrimônio histórico-cultural produzido pela turma, para a Emei, podendo ser consultado pelas turmas futuras.

...captar através das ‘falas’ das crianças os *mundos sociais e culturais da infância*, construindo, desse modo, elementos para a análise das relações entre educação e infância.... *olhar* a infância e não *sobre* sobre a ela exige ‘o descentramento do olhar do adulto’ como condição essencial para perceber a criança. (SARMENTO apud QUINTEIRO, 2005: 29)

Diante da imensa quantidade de informações contidas nos Livros construídos com três turmas diferentes de 2004 a 2006, das quais fui professora, na mesma Emei. Busquei analisar os dados – as falas capturadas, diálogos infantis e textos coletivos, selecionados e retirados dos Livros, com base em “denominadores comuns”. São eles: ***propostas e soluções, impressões de si e impressões do mundo***. Foram selecionados para esse texto três episódios relativos aos três denominadores, onde fica mais evidente a *proposta* (primeiro episódio) e *impressão de si e do mundo* (segundo e terceiro episódio). Lembro que os trechos selecionados, não são vistos fragmentados, como proponho para análise. Na verdade, é nítido que os três aspectos se dialogam, entrelaçam-se, imprimindo novos sentidos às falas infantis, que no cotidiano dinâmico, poderiam passar despercebidas. A *visão de mundo* permeia todos os diálogos infantis, em suas propostas e visões de si.

### **Proposta de Laila**

*31-03-2004 Turma do Leão*

*A Laila falou que a Sílvia chama as mães dos alunos de “mãe”. Então, eu tenho que saber o nome delas, porque elas não são mãe da Sílvia. Vamos lá:*

#### **Alunos - Mãe**

Evellyn – Ana Paula ,  
Stefany- Marta,  
Laila – Vanilza (Branca),  
Joyce- Mônica,  
Daiane- Darlene,  
Bianca M. – Sofia,

Bianca L.- Sandra  
Luís Henrique - Ana e M<sup>a</sup> das Graças  
Donizete – Isabel  
Miriam- Vilma  
Letícia- Dalvaneide  
Sílvia- Marici

Era o primeiro dia de Luís Henrique na Emei e todos se apresentavam, inclusive eu. Ele marcara sua mão em nosso Livro, como era costume da Turma do Leão.

Laila, percebendo que a cada criança nova da turma, eu me apresentava como professora ou pelo nome, deixando claro que eu não era *tia* deles, como as famílias costumam se referir às professoras. Logo conclui que eu também deveria saber os nomes das mães, não chamando-lhes inadequadamente por “mãe”, pois *elas não são minhas mães*. Todos na roda, foram unânimes em aceitar a proposta. Logo estávamos registrando os nomes das mães de todos, o que tornou possível a análise da escrita desses nomes, quanto ao número de letras, sílabas, letras iniciais. Analiso também, que nessa época, além de Laila referir-se às crianças

como *aluno*, eu reitero na escrita essa denominação, sem preocupação alguma, nas colunas –*alunos* – *mães*. Tal postura demonstra a ausência de minha parte, ainda nesse tempo de uma concepção de educação infantil não escolarizante, portanto crianças não são alunos, na educação infantil, a professora-escriba, costuma escrever(se) na terceira pessoa, inclusive quando a turma fala dela. Mas é comum, no registro dinâmico, *ao vivo*, misturar-se na primeira pessoa pois estou *no grupo* e *com o grupo*. Nessa conversa, pudemos acolher a sugestão de Laila, mas também reconhecemos como grupo, com mães com designações de tratamento para elas e entre nós, e inclusive em relação às crianças que são cuidadas por outras pessoas, como o caso do Luís, que cita Ana (a mãe) e M<sup>a</sup> das Graças (a avó). Ele sabe quem é a mãe biológica, mas reconhecendo a função materna, denomina a avó, como outra mãe, pois de fato, era ela quem cuidava do menino. Portanto, Luís sempre afirmava que tinha *duas mães*. Questões sobre o nome verdadeiro e apelido foram discutidas com a turma, ainda que não apareça nesse registro. É o caso da mãe de Laila, chamada de Branca, mas seu nome era Vaniza. Laila nos deixa claro, fazendo questão dos dois nomes para o registro. Fica claro que o grupo apoiava a mudança de minha conduta pois, se eu insistia em ser chamada pelo meu nome ou por professora, por que não fazer o mesmo com suas mães? O registro comprometia-me também nessa mudança; saber o nome de cada uma delas e assim chamá-las. O nome da minha mãe também foi inserido pois *a Sílvia também tem mãe!* Como eles falavam. A partir daí, as crianças começaram a querer saber quem era cada um dos sujeitos da Emei: o guarda, a vice-diretora e diretora, a cozinheira....todos eram chamados pelo nome. A questão sobre o nome das mães aparecem em outras páginas do Livro, em outros contextos. Mas já estava fundado, as pessoas fora do contexto familiar (tios, pais, avós...) eram chamadas pelo nome ou mesmo pela função o guarda, a professora...

as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de usarem para lidar com tudo o que as rodeia. (SARMENTO, 2005: 373)

Observo que nesse registro há proposta de mudança da postura da professora, com base em nossas conversas. O conhecimento de si e de mundo são questões fundantes na construção da identidade humana, como vemos na observação das diferenças e semelhanças nos agrupamentos familiares e seus contextos sociais e culturais.

### **Impressões de si e do mundo (nova proposta)**

*25-maio-2004 Turma do Leão*

*Hoje chegou mais uma amiga – a Tainá. É o mesmo nome da Índia Tainá do filme!*

*A Bianca M. perguntou pra Tainá: - Por que sua mãe deu esse nome pra você?*

*Conversamos sobre o porquê do nome da gente. Ninguém sabe porquê a mãe ou o pai deu esse nome pra gente. Então vamos*

*conversar com a mãe e a família pra saber a história de nossos nomes.*

Mais uma vez, as crianças da Turma do Leão, estavam envolvidas com a questão dos nomes e surgia uma nova proposta de trabalho. Implícita nessa proposta de trabalho, vemos que a dúvida de Bianca traz também a solução da mesma. Proposta e solução caminham juntas, intrínsecas nesses episódios selecionados. Agora promovidas pela chegada de mais uma amiga na turma. Deixavam nítido o envolvimento que tiveram com a história do filme “Tainá – uma aventura na Amazônia”, que por alguns meses acompanhou o interesse da turma, generalizando para outras histórias infantis sobre as crianças indígenas brasileiras. A personagem era uma mascote da turma. O tema do nome, detonado com a chegada da menina Tainá, avançava para outro interesse, a origem de nossos nomes! “A fala de cada criança é claramente fragmento de um enredo mais amplo, que ela protagoniza com os outros.” (MARTINS apud LEITE, 2005, p. 92) Cada criança pesquisou com os pais a história de seu nome:

*28- maio – 2004*

***História dos nomes (episódio parcial)***

*Daiane – Os pais queriam um menino e deram o nome de Renan. Mas quando viram que era menina, ficou Daiane, que começa com a letra da mãe.*

*Bianca L.- Foi o pai dela quem escolheu esse nome.*

*Donizete – Ele se chamaria Lucas. Mas o seu pai escolheu Donizete porque é o nome do irmão de seu pai. Ele já morreu (o tio).*

*Tainá – É muito bonito. É nome bonito de índio, e se parece com ela, que é linda.*

*Beatriz – A irmã quem escolheu esse nome. A mãe gostou porque dá pra chamá-la de Bia.*

*Laila - A mãe viu esse nome no final do letreiro do Telecurso 2000, na TV. Ela gostou e queria um nome diferente.*

*Fabrizio – Foi a avó dele (Dirce).quem escolheu esse nome. Ela conheceu um rapaz médico e bonito que se chamava Fabrizio, e ela gostou muito.*

Os próprios relatos das crianças fundam suas impressões e abrem frente com propostas ( soluções) de trabalho, a partir dessas capturas e *escuta compreensiva* (OSTETTO, 2004) da professora, que numa ação reflexiva constante, busca com eles, pela recolha de suas vozes, formas de conhecer e explorar o mundo.

Vejo, no cotidiano educativo, que é a escuta o grande norteador das práticas pedagógicas para com as crianças pequenas. Elas nos dão o recado, imprimem suas marcas em nós- educadores, transgridem formas de ver o mundo, se ver e fazer suas culturas, levando-nos a novos olhares do *sempre igual*, baseada na supremacia do olhar adulto.

Perceber o todo que está por detrás das vozes individuais é um grande desafio, posto que exige do ouvinte - orquestrador profunda sensibilidade e

uma atitude destituída de poder, permitindo às vozes se expressarem com propriedade. (ALGEIBALLE, 1996: 125)

A partir disso, seria possível não solapar a criação do imaginário infantil em detrimento do imaginário do adulto, mensageiro de um mundo já dado e construído – o imaginário social? Até que ponto a escuta e registro das vozes infantis, podem contribuir de fato, à formação docente, imprimindo novos olhares e fazeres no espaço educativo infantil e a não exclusão da criança na aquisição de novos conhecimentos?

Resgatar o espaço educativo infantil e público, é resgatar a dignidade da infância, de seus sujeitos e suas culturas, Acolher suas falas, buscar compreender suas expressões, confiar em suas propostas que enriquecem e orientam a ação pedagógica, é legitimar as culturas infantis como mola propulsora e fio condutor de conhecimento e socialização no espaço educativo, legitimando a criança como protagonista de sua história.

As crianças querem ir à escola para brincar, aprender e fazer amigos, porém constata-se a falta de sentido da escola e de suas aprendizagens. Elas desejam e querem construir uma escola para brincar... As crianças não apenas constata-se o fracasso da escola, mas também propõem soluções simples e viáveis. (QUINTEIRO, 2005: 42)

Acredito que seja possível desenvolvermos novos olhares e possibilidades de mudanças à educação infantil, a partir das capturas de pistas e sinais de meninos e meninas pequenos, marcados no cotidiano educativo. A partir disso, imprimir novos sentidos às práticas pedagógicas, distanciando-as cada vez mais da escolarização precoce, encurtamento da infância e da mera transmissão - recepção de um mundo já construído a um *adulto vir a ser*. Com certeza, as crianças pequenas têm muito a nos dizer e nos ensinar.

#### Referências Bibliográficas

- ALGEIBAILE, Maria Angélica Pampolha. **Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública**. In: Infância: fios e desafios da pesquisa da pesquisa. Campinas, Papirus, 1996.
- DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri. **Infância, pesquisa e relatos orais**. In: DEMARTINI, Z. B.F. & PRADO, P. D. (orgs) Por uma cultura da infância – metodologias de pesquisa com crianças. Ed. Autores Associados, 2005.
- LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **O que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo?** In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel (orgs). Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas, Editora Papirus, 2005.
- MARCELLINO, Nelson. **Pedagogia da Animação**. Campinas, Ed. Papirus, 1990.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Ed. Papirus, 2000.
- QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e educação no Brasil – um campo de estudos em construção**. In: DEMARTINI, Z. B.F. & PRADO, P. D. (orgs) Por uma cultura

da infância – metodologias de pesquisa com crianças. Ed. Autores Associados, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.** In: Educação e Sociedade - Sociologia da infância: Pesquisas com crianças. Volume 26 – Maio/ Agosto – 2005.